

RESSOCIALIZAÇÃO DEPARTAMENTO DE SAÚDE DA PENITENCIÁRIA REÚNE MULHERES EM GRUPOS DE DISCUSSÃO PARA DEBATER RESPONSABILIDADE



Rogério Marques/OVALE

Maternidade na prisão. Presas da Penitenciária 2 de Tremembé seguram no colo os filhos; mães afirmam que maternidade renova esperança de uma vida fora do crime

ARREPENDIMENTO, COM FÉ E ESPERANÇA

Mulheres presas afirmam que nascimento de filho no cárcere renova a esperança de uma vida longe do crime; principais motivos são resgatar família e tornar-se exemplo

O rosto marcado por rugas não é capaz de tirar o brilho dos olhos azuis. Segurando o filho de poucos meses no colo, Patrícia Reis, 36 anos, se emociona ao contar a trajetória de crimes e uso de drogas que a levou diversas vezes à cadeia. Ela é mãe de quatro filhos,

o mais velho de 17 anos, e pede perdão a eles pelas más escolhas na vida. O bebê em seu colo dorme numa cela ao seu lado, pelo menos até os seis meses, quando será levado para a mãe de Patrícia, que está presa na Penitenciária Feminina 2 de Tremembé.

Sentada numa poltrona, diante da cela com o berço do filho, ela diz que o arrependimento arde no peito cada vez

que olha o rosto do menino.

“O que mais dói é saber que não poderei estar ao lado dele. Ele está crescendo e dá vontade de não deixar com ninguém. É doloroso”, afirma.

Segundo ela, ter tido um filho na penitenciária é uma das mais duras lições que tomou da vida, capaz de fazê-la repensar tudo de um modo diferente.

“Me perdoa, filhos”, diz ela.

“Quando sair vou ser uma mãe bem melhor. Não sou uma mãe má, mas queria ser um exemplo, e ainda vou ser”.

Também com um filho recém-nascido, Daiana Reis, 22 anos, que já é mãe de uma menina de 5 anos, quer ver longe o dia em que terá que separar-se do bebê. Para ela, ficar longe dos filhos é a (cruel) motivação que precisa para mudar de vida.

“Repensar toda a minha vida, quero seguir o bom caminho, cuidar deles. Não deixar a vida me levar. Não é dessa forma”, diz.

Apegando-se na fé, Aline Silva, 27 anos, mãe de uma menina de poucos dias, conta que a sensação de estar sozinha é o pior momento do cárcere. Ela se compromete a recuperar a vida ao lado da família. “Primeira vez [presa] foi um baque e é mais do que suficiente para eu não querer esse caminho. Agora está sendo a segunda dose do sofrimento”. ■

JUSTIÇA

Decisão do STF põe 69 mães encarceradas em unidades do Vale em prisão domiciliar

DECISÃO. Sessenta e nove presas foram beneficiadas no Vale do Paraíba após o STF (Supremo Tribunal Federal) determinar, em fevereiro deste ano, que gestantes ou mulheres com filhos de até 12 anos que estejam presas de forma

preventiva ou temporária possam cumprir prisão domiciliar. O número é pouco diante das cerca de 580 presas da região que poderiam cumprir prisão domiciliar e ficar perto dos seus filhos. O número foi feito com base em levantamento da



Divulgação

Poder Judiciário. STF é a corte suprema da Justiça no país

Defensoria Pública, que defende a medida.

De acordo com a SAP (Secretaria de Estado da Administração Penitenciária), as três unidades femininas da região tiveram presas beneficiadas pelo habeas corpus coletivo aprovado pelo STF.

Foram 51 na Penitenciária Feminina 2 de Tremembé, 17 no Centro de Ressocialização Feminino de São José dos Campos e uma na Penitenciária Feminina 1 de Tremembé. ■